

**CLARO, MAURO. UNILABOR: DESENHO INDUSTRIAL,
ARTE MODERNA E AUTOGESTÃO OPERÁRIA. SÃO PAULO:
EDITORA SENAC SÃO PAULO, 2004, 190 PP.**

Denise Adell

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESP-SP

Marcado pela interdisciplinaridade, *Unilabor: desenho industrial, arte moderna e autogestão operária*, chama a atenção pela variedade de temas que aborda nas áreas da arquitetura, história social e ciências sociais. Também pela peculiar história de seu objeto de estudo, este interessante livro merece ser lido e divulgado.

A Unilabor, uma pequena fábrica de móveis que existiu entre as décadas de 1950 e 1960, auge do período modernista brasileiro, se propôs o desafio, essencialmente, da busca da superação do trabalho alienado de seus operários através do uso da arte. É sobre este projeto experimental que Mauro Claro se debruça.

Em sua pesquisa, o arquiteto Mauro Claro, sob a orientação da socióloga Maria Irene Szmrecsanyi (professora na FAU-USP), entrevistou atores sociais relacionados à história da empresa, pesquisou o acervo pessoal da família de Geraldo de Barros e os arquivos da Ordem dos Dominicanos no Brasil, que serviram como fontes principais para o desenvolvimento deste livro.

Inicialmente, o autor apresenta o contexto histórico-social no qual a fábrica se organizou, bem como os mentores do projeto, que partiu das corajosas idéias do padre dominicano frei João Batista Pereira dos Santos. Integrante do movimento Economia e Humanismo, frei João Batista, durante os anos em que esteve na França, teve a oportunidade de conhecer experiências bem-sucedidas de comunidades operárias, empreendimentos autogestionários patrocinados por padres e operários católicos, que lhe serviram de inspiração para a futura Unilabor.

De volta ao Brasil, frei João Batista dedicou sua atividade pastoral aos setores populares e, desta forma, liderou a construção da Capela do Cristo Operário, no bairro do Alto do Ipiranga, na cidade de São Paulo. Após sua inauguração em 1950, seguiram-se quatro anos de ensaios e discussões até a fundação da Unilabor.

O artista concretista Geraldo de Barros é compreendido como peça fundamental para a criação e história da Unilabor. A convite de frei João Batista, integrou-se ao projeto e lhe ajudou a concretizar suas idéias, sendo um dos fundadores da empresa que iniciaria a comunidade de trabalho. Baseado nos ideais do movimento concretista e nas reflexões do influente crítico Mario Pedrosa, que

remetiam à prática de uma “arte nova” com fins práticos, Geraldo de Barros propôs uma produção de móveis modernos que ele mesmo desenhou.

Associado a frei João Batista, Geraldo de Barros participa da fundação da Unilabor em 1954. Juntos, convidam um grupo de trabalhadores a participar de uma rotina de trabalho em molde autogestionável (baseado na experiência dos dominicanos franceses) e a compartilhar os resultados de seu trabalho coletivamente entre suas famílias.

Antes mesmo da existência de estrutura jurídica para a constituição de cooperativas de trabalho, a Unilabor funcionou segundo os moldes de uma cooperativa, e foi a primeira empresa juridicamente regularizada nestes moldes no país, logo que a legislação brasileira incorporou este tipo de organização em 1963.

Para além da fábrica e da Capela do Cristo Operário, a comunidade de trabalho envolveu também atividades culturais como teatro, escola infantil, palestras e discussões, mantendo sempre em vista a proposta modernista da união entre arte e trabalho integradas à ética humanista. Iniciou-se então, um projeto único na história brasileira, que durou treze anos, encerrando suas atividades em 1967.

Como nos mostra o autor, não apenas a fábrica de móveis contou com a participação de artistas modernistas como Geraldo de Barros, mas também a capela, que possuía três pinturas murais e vitrais de Alfredo Volpi, que simbolizavam o trabalho industrial, e ainda uma pintura de Yolanda Mohalyi e uma escultura de Bruno Giorgi, bem como os jardins do terreno, planejados e decorados pelo arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx, todos trabalhos realizados de forma voluntária e gratuita, resultando em um conjunto artístico arquitetônico. A reforma da capela em 1951 foi também doada por um empresário.

Claro chama à atenção para o envolvimento pessoal de artistas e membros da burguesia para com os projetos de frei João Batista, capaz de mobilizar um amplo espectro social para a realização de suas idéias. Certamente, o projeto da Unilabor compartilhava do “clima” otimista gerado pelo nacional-desenvolvimentismo e pela crença generalizada na possibilidade de transformação social predominante nos anos 50 e 60, contagiando diversos setores sociais progressistas.

A principal ênfase da obra, no entanto, é dada aos aspectos referentes à autogestão operária. A instituição deste processo e a possibilidade da existência de laços mais humanos entre os membros da comunidade, segundo o autor, explicitavam os mecanismos determinantes da filosofia da Unilabor, que buscava proporcionar a desalienação do trabalho, como era vista por Marx. Pois o trabalhador, valorizado como pessoa e compreendendo o processo produtivo como um todo, poderia se reconhecer enquanto um ser ativo, sentindo-se mais completo e com sua vida pessoal mais dotada de sentido.

A idéia de coletividade perpassou todos os setores da fábrica, desde o

setor de criação ao de embalagem. Até mesmo os funcionários da limpeza eram ouvidos nas constantes reuniões gerais, onde se discutiam livremente questões de interesse comum, como as vendas da empresa, a linha de produção, jornada de trabalho, etc. Inclusive o próprio símbolo da fábrica (desenhado por Geraldo de Barros) aludiu à coletividade.

Claro analisa ainda o problema das relações entre ética e estética. Pois é na rotina da confecção dos móveis que há um diálogo, nem sempre fácil, entre a ação criativa e a racionalidade técnica. Nesse sentido, o desenho de Geraldo de Barros foi fundamental, já que se tratou do recurso técnico de que a empresa dispôs para possibilitar a produção em série, conectada ao processo criativo e à economia da matéria-prima e da mão-de-obra empregada, superando assim a produção artesanal e a por encomenda.

A característica fundamental do móvel da Unilabor, e da qual os operários se orgulhavam, era a qualidade. Foi conhecido pelo esmero no acabamento, pela matéria-prima de boa qualidade, resistência e durabilidade. O conforto e a estética também eram considerados. Geraldo de Barros os desenhava, em estilo moderno, seguindo as tendências de gosto do mercado. E, em seguida, apresentava o projeto para os marceneiros da fábrica, para que opinassem sobre o mesmo; as alterações sugeridas e discutidas eram feitas no papel, e uma primeira peça era produzida. Após pronta, testavam-na e rediscutiam coletivamente sua funcionalidade, estabilidade, segurança, conforto e estética, decidindo, de uma forma autogestionada, se seria ou não produzida em escala. Existia assim, uma renovação do processo produtivo.

A comunidade Unilabor optou por investir na confecção de uma variedade reduzida de móveis, para que pudesse produzir em escala, e assim tornar a fábrica competitiva. Seus móveis eram vendidos para as classes média e alta, pois não resultaram economicamente acessíveis (devido ao alto custo da produção) às classes populares ou mesmo às classes médias. Sua clientela também se diferenciou por ser em grande parte formada por representantes de um segmento social culturalmente mais escolarizado (professores universitários, profissionais liberais, etc), interessado em iniciativas sociais como as da própria Unilabor.

Buscando atender a este público, Geraldo de Barros criou um catálogo de peças, baseado no Padrão UL (Unilabor), “que sistematizava as possibilidades de escolha do tipo de montagem do móvel por parte do comprador, e expressava uma organização em módulos de produção, chamados conjuntos e subconjuntos”(p.104) facilitando tanto a venda quanto a produção.

O móvel Unilabor caracterizava-se também pela versatilidade, pois, devido a uma padronização das medidas e uso de formas geométricas e regulares, podia ser montado de várias formas, adequando-se a diversos ambientes e ao gosto do

cliente. Possuía também uma identidade visual, de harmonia pela forma simples, uma prática moderna na idéia de avanço e inovação, também presente na escolha e combinação dos materiais, de acordo com a teoria da *Gestalt*.

Sendo a Unilabor uma das precursoras no experimento da abordagem industrial da criação artística, pautou-se nos preceitos da *Bauhaus* (escola alemã) de incorporação do saber tradicional na produção em série, integrando a contribuição das habilidades do artesão às do artista. Como ocorreu no ateliê de Geraldo de Barros, que funcionou de forma integrada à produção, na tentativa de resgatar a possível criatividade contida na racionalidade da indústria.

Bem sucedida, a Unilabor atingiu seu auge no mercado moveleiro no início da década de 60, chegando a contar com cerca de cem funcionários. Porém, a partir do golpe militar de 1964, com a recessão e perseguição política neste período, a empresa foi atingida pela falta de crédito bancário. Também o desentendimento interno entre os sócios sobre o re-investimento dos lucros, afetou sua estabilidade. A soma das contínuas desavenças ao tenso cenário político levou ao fechamento da empresa em 1967.

A análise da temática do design, área ainda pouca explorada no Brasil, é, sem dúvida, um dos grandes méritos de *Unilabor: desenho industrial, arte moderna e autogestão operária*. Mauro Claro trás assim, importante contribuição para um tema com vasto potencial de desenvolvimento e diálogo entre diversas disciplinas das ciências humanas. Como por exemplo, a sociologia da cultura, a história social e a antropologia urbana, que têm destacado a relevância do estudo dos objetos de uso cotidiano.

O estudo dos móveis domésticos pode ser revelador de aspectos importantes da nossa vida social. Assim, a posse de objetos utilizados no espaço privado tem sido analisada como um recurso de afirmação da posição social e de reconhecimento do “*status*”. Exteriorizando também, a noção de gosto pessoal, tal como estudada por Pierre Bourdieu. Permitindo desta forma, um diálogo com a moderna noção de individualidade, expressa no plano físico pelo simbolismo atribuído aos objetos que decoram os interiores.

A obra de Mauro Claro também será de grande utilidade para todos aqueles interessados no atual debate sobre economia solidária e modelos “alternativos” de gestão do trabalho. Além de nos contar a trajetória de um empreendimento importante na história do cooperativismo no país, o livro ainda nos elucida as conexões deste projeto com o catolicismo e o movimento modernista. A abordagem da gestão democrática e coletiva da Unilabor, é, certamente, um dos pontos altos do livro. Entretanto, como sabemos, um dos maiores desafios de qualquer iniciativa deste tipo é o de lidar com os desentendimentos e conflitos internos constantes. Este aspecto, infelizmente, é pouco explorado pelo autor. Pouco

ficamos sabendo sobre as eventuais divergências entre os funcionários e entre os idealizadores do projeto, o que certamente, colaboraria para compreender melhor algumas das razões da crise da Unilabor.

Do ponto de vista da história social do trabalho, o livro também trás uma contribuição para a análise da ação da Igreja nos meios operários, tema ainda relativamente pouco explorado na literatura especializada, particularmente no período anterior ao golpe militar de 1964. Porém, é um tanto quanto frustrante a ausência de maiores referências ao papel dos trabalhadores da Unilabor e de seu projeto autogestionário nos debates e articulações do rico e conturbado movimento operário daquele período. Embora, este claramente não seja o foco principal do autor, as raras menções ao movimento sindical e organizações políticas indicam que uma discussão mais ampla destes aspectos não só enriqueceria a abordagem, como nos permitiria perceber melhor o alcance e limites do projeto da Unilabor não apenas junto à elite paulista, mas também junto às camadas populares.

Assim, embora o livro certamente envolva o leitor com sua bela história, pode-se salientar que o tom de formalismo acadêmico da redação torna o texto, por vezes, pouco atrativo, principalmente para aqueles não habituados à leitura de teses acadêmicas, já que, a obra parece destinar-se também ao grande público. Cabe destacar ainda a qualidade da edição deste trabalho, o formato original e as ilustrações compostas de fotografias do mobiliário produzido pela Unilabor, tornando a publicação visualmente bastante atrativa.

Ao conectar arte, design e experiência de autogestão na trajetória da Unilabor, o livro de Mauro Claro nos revela mais uma faceta do significativo e rico período nacional – desenvolvimentista e do modernismo brasileiro. Ademais, a análise do trabalho e dos ideais humanistas e modernistas de Frei João Batista, Geraldo de Barros e dos diversos atores sociais que participaram do projeto da Unilabor, em sua maioria anônimos, tornam este livro importante para todos aqueles interessados nas repercussões dos grandes processos sociais na vida cotidiana.